

KUPFER, D. Opções para o adensamento da indústria nacional. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 22/07/2009.

Opções para o adensamento da indústria nacional

22/07/2009

Os dados referentes ao comércio exterior brasileiro no primeiro semestre de 2009, recém-divulgados pela Secex, estão acendendo um sinal de alerta sobre a capacidade de resposta da indústria brasileira ao novo cenário vigente no mercado internacional pós-crise. Embora, surpreendentemente, o saldo comercial do país esteja sustentando os níveis do ano passado, verifica-se uma acentuação da polarização no interior da balança comercial, na qual o comércio de produtos básicos é cada vez mais superavitário enquanto o de manufaturados é cada vez mais deficitário. Com efeito, em apenas seis meses, o déficit da balança comercial da indústria de transformação já atingiu US\$ 6 bilhões, quase um bilhão a mais do que o verificado em igual período de 2008. Ao sugerir a consolidação de um padrão indesejado de especialização das exportações brasileiras em produtos baseados em recursos naturais que, ademais, já vinha se desenhando mesmo no período favorável pré-crise, esse resultado vem trazendo à tona antigas preocupações a respeito da incapacidade estrutural da economia brasileira em fazer face aos desafios trazidos pela maior integração do país aos mercados globais.

Durante os 50 anos que sucederam o início da II Guerra Mundial, o Brasil perseguiu um projeto de desenvolvimento econômico no qual o carro-chefe foi a construção da indústria nacional. Após longos anos de marchas e contra-marchas em busca de um modelo institucional que fornecesse o necessário suporte para um movimento firme de industrialização, o modelo de substituição de importações rendeu seus frutos, levando a um ritmo de expansão industrial sem precedentes até mesmo na história do planeta. É bem verdade que os últimos dez anos desse período, os anos 1980, já haviam sido de estagnação econômica e de relativa involução da estrutura industrial montada no período áureo do modelo, cujo esgotamento coincidiu com o final da década anterior. Isso porque a incapacidade de introduzir as mudanças institucionais necessárias levou a que se substituísse o regime de proteção pragmática que orientou a substituição de importações por um ultra-protecionismo indiscriminado que mostrou-se prejudicial ao prosseguimento da modernização da indústria nesses anos. Diante da premência em se promover a reestruturação da indústria brasileira em resposta às profundas transformações ocorridas na economia mundial ao longo da década de 1980, venceu um projeto de abertura que enxergava um padrão de integração competitiva do Brasil apoiado na exportação de produtos baseados em recursos naturais e na importação de capitais e de tecnologia. Essa última viria incorporada em insumos ou equipamentos mais sofisticados originários do mercado internacional ou diretamente trazida pelo investimento direto externo. A abertura abrupta e atabalhoada promovida nesses anos produziu seus efeitos negativos rapidamente, levando a um processo de perda de densidade da indústria e, logo, a uma crise cambial de grandes proporções já no início de

[Digite aqui]

1999. Vem desde então a percepção da essencialidade de uma política industrial voltada para o re-adensamento das cadeias produtivas da indústria nacional.

Uma visão abrangente do processo de perda de densidade ocorrido na indústria brasileira nos últimos anos exige observá-lo em três vertentes distintas, com implicações igualmente distintas para a definição de políticas industriais para o seu enfrentamento. Em primeiro lugar, a vertente mais visível desse processo é a que se manifesta no desaparecimento de elos de cadeias verticais de suprimento, basicamente devido a transformação seja de setores que antes operavam com algum grau de integração produtiva à montante em meros montadores, seja de setores que antes beneficiavam matérias-primas em meros exportadores desses produtos. Esse tipo de desadensamento vertical foi mais característico das cadeias produtivas da indústria eletrônica e, em intensidade menor, também da indústria química. A medida estatística desse tipo de perda de densidade industrial é dada diretamente pelos números elevados e crescentes das importações de componentes e insumos que vem acompanhando a evolução dessas indústrias nas últimas décadas.

Uma segunda vertente do processo, mais difícil de ser visualizada e quantificada, é aquela que pode ser chamada de perda de densidade horizontal. Nesse caso, o desadensamento decorre da opção adotada por empresas de se especializarem na produção de uma variedade menor de produtos, geralmente dedicando-se apenas à fabricação dos bens mais simples em termos de requisitos tecnológicos ou que exigem menor imobilização de capital. No Brasil, a perda de densidade do tipo horizontal foi típica da indústria mecânica, como revelam os números igualmente elevados e crescentes das importações de produtos finais realizados pelos segmentos de máquinas, material de transporte e outros.

Porém, o principal fator de perda de densidade industrial no Brasil contemporâneo é de natureza muito distinta desses já descritos, não podendo ser capturado pela geometria das relações intra ou intersetoriais nas cadeias produtivas: é uma questão relacionada à intensidade do conhecimento tecnológico incorporado na indústria e diz respeito, portanto, aos intangíveis, muitos deles pertencentes a esfera dos serviços, que são comandados pelas atividades industriais. Um correto diagnóstico dessa vertente do problema é o passo essencial que necessita ser dado para que se possa avançar com segurança no desenho de medidas de política industrial que possibilitem efetivamente reposicionar a indústria brasileira. Do contrário, o tema do adensamento da indústria continuará ganhando força na agenda da política industrial sem que resultados práticos significativos venham a ser conseguidos.